

Uma Análise da Espetacularização em *White Bear*¹

Erica FREITAS²

Paula MARCELINO³

Rosinaldo de SOUZA⁴

Aline FREITAS⁵

Faculdade Estácio de Belém, Belém, PA

Resumo

Este artigo analisa o episódio White Bear da segunda temporada do seriado Black Mirror objetivando compreender de que maneira a tecnologia é utilizada como uma ferramenta de espetáculo. O que se pretende é problematizar as estratégias de espetacularização presentes no episódio. Para isso, sob análise de conteúdo a interatividade dos personagens com o uso do smartphone, abordando como essa interação tem sido decisiva para que as relações aconteçam nas plataformas digitais.

Palavras-chave: tecnologia; espetacularização; interatividade.

Introdução

O objetivo é analisar sob a técnica de levantamento bibliográfico e Análise de Conteúdo o episódio White Bear (S2E2) da segunda temporada da série Black Mirror. Após termos assistido várias vezes de maneira pausada, escolhemos explorar a relação de espetacularização com a interatividade presente no episódio, onde foram usadas as técnicas de coleta de dados a partir de análise do episódio, buscando compreender e interpretar o que leva as pessoas registrarem seu cotidiano.

Black Mirror em tradução literal “espelho negro” é uma série britânica de ficção científica criada e produzida por Charlie Brooker⁶ e centrada na relação das pessoas com o meio tecnológico e o modo como o excesso de informações imagéticas

¹Trabalho apresentado na DT 5- Multimídia do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 2 a 7 de setembro de 2019, na Universidade Federal do Pará - UFPA, em Belém – PA.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Multimídia da Estácio-Belém, e-mail: elfreitas7@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Multimídia da Estácio-Belém, e-mail: paulajarina@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Multimídia da Estácio-Belém, e-mail: juniorso4za@gmail.com

⁵Orientadora. Doutoranda em Antropologia PPGA, mestra em Ciência da Comunicação PPGCOM, e-mail: linefreit@gmail.com

⁶ Charlie Brooker: é um roteirista, satirista e comentarista britânico. Ele é o criador da série antológica Black Mirror.

do cotidiano pode afetar as pessoas e seus desdobramentos na sociedade, nas relações sociais, e também internamente, como a constituição do próprio sujeito. Os episódios são trabalhos autônomos geralmente se passam numa realidade presente alternativa ou futurista. Transmitida pelo serviço de Streaming⁷ da Netflix⁸ trazendo cinco temporadas em sua totalidade.

O episódio escolhido *White Bear* é um jogo de oposições, em que as personagens presente utilizam celulares com câmeras, realizam gravações das angústias e aflições da personagem Victoria, que apesar de não ter conhecimento do enredo que ela está incluída, recebe uma punição, e, ela é a protagonista na história.

Para isso propomos os seguintes questionamentos: Quais as estratégias de espetacularização existentes no episódio *White Bear* de *Black Mirror*? Como pensar a noção de sociedade do espetáculo no episódio? De que maneira a tecnologia é utilizada como ferramenta de espetáculo? Tendo como aporte teórico, Serra (2006) interatividade com a internet, Debord (1967) com a noção de espetáculo e Goffman (1959) e seu conceito de máscaras sociais.

O episódio *White Bear*

O episódio inicia com a personagem Victoria a protagonista acordando em uma cadeira, sem lembrar de nada, sequer seu nome. Ela tem faixas enroladas nos pulsos e ao olhar para o chão do quarto ela vê comprimidos espalhados, fato que sinaliza para uma possível tentativa de suicídio. Logo depois, ela abre a cortina do quarto olha na sequência em um espelho que está presente na cena.

Ao descer as escadas, Victoria vai para sala onde tem um calendário, que marca 18 de outubro, ela vê uma foto de si mesma abraçada com um rapaz (que no momento não sabe de quem se trata), e ao lado da foto, uma fotografia menor de uma garotinha sorrindo. Victoria entende que era a sua filha, guarda a fotografia para si e em seguida sai de casa, ainda confusa com tudo aquilo, acaba observando que existem pessoas do lado de fora e na janela das casas vizinhas.

⁷*Streaming*: fluxo de dados ou conteúdos multimídia.

⁸*Netflix*: é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming.

Todas filmam seus passos com aparelhos celulares nas mãos, sendo este o fato que causa certo incômodo a quem assistiu o episódio. Nenhuma daquelas pessoas fala com ela ou conversam entre si. Apenas a filmam o tempo todo.

Cena 1-(S2E2) As pessoas apenas filmam a perseguição sem auxílio a Victoria.



Fonte: Netflix-06min e 26 seg.

Nesta cena Victoria inicialmente desconhece sua própria identidade e tenta identificar o ambiente que se encontra buscando informação a respeito dela mesma.

Suas memórias estão perdidas e na ânsia de descobrir respostas do porque existem essas lacunas na sua mente percebe diante dela pessoas atuando como expectadores silenciosos que ignoram suas perguntas e seu estado emocional abalado por não saber quem é realmente, permanecem com seus aparelhos celulares filmando todas as suas ações durante uma perseguição feita por um dos caçadores contra ela.

É recorrente ligarmos a televisão e nos deparar com cenas onde as emoções dos envolvidos nos casos jornalísticos ou programas específicos que retrata a vida dos entrevistados que são explorados e vistos por cada ângulo da notícia elevando os índices de audiência.

A espetacularização midiática é discutida pelo crítico Debord (1967) na obra: Sociedade do Espetáculo. O autor francês foi um dos fundadores em 1957 na Itália da Internacional Situacionista. Um movimento que aspirava transformações sociais. Debord (1967) acreditava que se deviam fazer críticas ao sistema capitalista contestando o seu curso não se deixando levar pelo seu fluxo imagético mercantilizado passivamente.

Na concepção do pensamento debordiano o espetáculo esta presente no âmbito da sociedade de acordo com o autor:

“Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido se esvai na fumaça da representação”. (Debord 1967, p.13)

Debord (1967) definiu o espetáculo como: conjunto das relações sociais mediada por imagens. O natural e o autêntico se tornaram ilusão. Relações sociais e interpessoais não são autênticas elas são de aparência. O episódio White Bear (S2E2) faz analogia a esse simulacro de realidade na contemporaneidade.

Victoria avista alguém do lado de fora, distante, buscando compreender o que estava acontecendo, corre desesperada quando um carro chega de repente, e dele sai um homem que utiliza uma máscara de esquí no rosto, apontando uma espingarda, começa a perseguir Victoria por um motivo ainda desconhecido. Sem entender sua única alternativa é fugir. As pessoas continuam filmando enquanto ela é perseguida.

Ninguém se move para ajudar, até que Victoria encontra um casal que não estava com aparelhos celulares em suas mãos e não a filmavam, e, com eles se abriga, correm em direção a um posto de gasolina. Os três se trancam, enquanto o homem de máscara tenta quebrar a porta, correm para escapar pelos fundos da loja.

A perseguição continua. Só Victoria e a outra moça conseguem sair de lá. O rapaz é atingido por um tiro, e é deixado para trás. No meio da fuga, a moça explica à Victoria que apareceram sinais enviados por um transmissor em todos os aparelhos de comunicação que tornaram as pessoas espectadores e elas não conseguem fazer mais nada, apenas filmar o tempo todo. E as restantes fazem de tudo para dominar umas às outras, fato que explicaria a perseguição sofrida por elas.

Ainda fugindo dos caçadores (que possuem armas e, supostamente, perseguem Victoria), elas pegam uma carona com outro sobrevivente que as leva até uma floresta, chegando lá faz ambas reféns com uma espingarda. Com o objetivo de matar Victoria, a moça que estava junto com ela foge e volta para ajudá-la, se apoderando da arma, dando um tiro no sequestrador, enquanto o referido caçador tenta furar Victoria com uma furadeira.

Cena 2- (S2E2) - A tentativa do ‘caçador’ de ferir Victoria.



Fonte: Netflix -41min 06 seg.

Na cena em primeiro plano está Victoria e o caçador, preparando-se para a sessão de tortura já planejada. Momentos de tensão e agonia, não somente para a personagem, mas para o espectador da série, em uma floresta afastada da cidade, ambiente propício e organizado para execução de crimes, porém eles não estão sozinhos, os observadores estão ao fundo da cena, mostrando profundidade de campo, usando smartphone para registrar e poder compartilhar toda aquela situação. A função das pessoas naquele lugar nada mais é do que filmar e transmitir a dor e sofrimento, mostrar ao resto da sociedade através dos seus aparelhos a punição que Victoria está recebendo.

Não tem quem a ajude naquele momento, desesperada grita por socorro, mas todos ao seu redor apenas a filmam e observam.

Um retrato claro da sociedade contemporânea que vivemos, quando ocorre um acidente, alguma catástrofe, uma tragédia. Registrar para compartilhar primeiro, logo após compreender e talvez tomar atitude em ajudar.

Elas roubam o carro do homem que havia lhes oferecido carona e dirigem até o local onde se encontra o transmissor – chamado de White Bear, é o transmissor que emite os sinais que transformam as pessoas em espectadores—elas querem destruí-lo para que tudo volte ao que era antes. Elas continuam sendo perseguidas. No meio do caminho, Victoria fica mais hesitante quanto ao plano, pois, começa a ter flashes de memórias, e tem um pressentimento de que alguma coisa não está certa.

Quando conseguem chegar ao transmissor elas são surpreendidas pelos caçadores e em meio à luta corporal Victoria pega a espingarda do homem e dá um tiro em sua direção. Para a sua surpresa, saem apenas confetes da arma.

Neste exato momento, o cenário em que estavam se abre e dar lugar a um palco lotado de pessoas, todas aplaudindo, e no centro do palco Victoria é colocada amarrada numa cadeira ainda sem entender. Em meio aos gritos de assassina, é mostrada uma versão diferente da história. Victoria, nesse episódio, é uma criminosa sentenciada culpada por sequestrar uma criança, juntamente com seu noivo, o qual se enforcou na prisão.

Ela filmou todos os momentos da garota sequestrada, e inclusive, o momento em que o noivo enrolou a menina num saco de dormir e ateou fogo, na mesma floresta em que ela estava sendo mantida refém. O tribunal declarou Victória culpada, e disse que ela teria uma punição adequada e proporcional.

Por isso, criaram um parque com o mesmo nome do episódio (Urso Branco) em homenagem ao brinquedo que a menina deixou para trás no momento em que foi sequestrada, e que por isso virou símbolo nacional de sua busca.

O objetivo do parque era fazer com que Victoria passasse todos os dias de sua vida revivendo o mesmo enquanto as pessoas filmam, tiram fotos e se divertem com seu sofrimento, e todas elas têm participação no sucesso da historia seja como espectador ou como participante ativo. Ao criar o parque e estabelecer nele a funcionalidade exclusiva de sentenciar Victoria o tribunal também sentencia a criança a ser todos os dias sequestrada e morta.

Depois de ser revelada a história, Victoria, ainda amarrada na cadeira, é colocada em um carro com vidros transparentes que se locomove pelo meio das pessoas os quais se concentram de um lado e outro filmam, falam ofendem e jogam esponjas que estão sujas de tinta vermelha o que remete a sangue e que são vendidas no parque.

Cena 3- (S2E2). Envolvida por vidros transparentes diante da organização social construída no episódio.



Fonte: Netflix - 33min 15 seg.

Na cena, Victoria está envolvida por vidros transparentes, sendo levada pelo tribunal para o mesmo lugar de onde o episódio teve início. Percebe-se a presença de uma plateia que observa, filma e se diverte com o sofrimento da personagem o que remete ao espetáculo da contemporaneidade onde pessoas são julgadas por seus atos fora das alçadas legais e expostas pelos meios midiáticos.

A violência e o sofrimento são vistos na sociedade quando, por exemplo, recebemos imagens, vídeos de vítimas de acidentes pelo whatsApp ou correntes no facebook expondo as aflições do indivíduo de diversas maneiras sendo retransmitidas e divulgadas a outras pessoas, geralmente com a intenção de ganhar curtidas e visualizações.

Percebemos na cenografia da cena a presença de cartazes e um cenário bastante iluminado por meio de luzes que pode ser comparado como um show onde as pessoas vão prestigiar artistas e levam cartazes para demonstrar seus sentimentos e emoções. O espetáculo é vendido para que o público possa participar e usufruir da punição, sendo possível repeti-lo sempre quando adquirido o ingresso.

Debord (1967) mostrou como a sociedade do espetáculo tem nas imagens as atuais formas de alienação e expansão do capital. O espetáculo é representado como aparência por meio de imagens.

Victoria é então levada até a casa onde tudo começou colocada no mesmo quarto onde acordou e logo em seguida recebe um dispositivo de eletrochoque na cabeça enquanto assiste aos vídeos que fez da garotinha. A cena final do episódio mostra o calendário sendo marcado com um X no dia 18 de outubro. Logo após são mostrados apenas flashes de como o parque é preparado para que tudo ocorra igual em todos os próximos dias da vida de Victoria.

Tecnologia e seu instrumento de interação

O avanço tecnológico mudou a forma das pessoas se relacionarem, refletindo diretamente nas suas interações a partir do compartilhamento e da construção de narrativas de uma vida perfeita.

Com o alcance da internet a produção de conteúdos passou por um processo de mudanças como imagens em movimento direcionando novas maneiras de interatividade. De acordo com *Serra* (2006) o termo interatividade começou a ser usado por cientistas

informáticos nos anos 50 com a finalidade de tornar o homem amigável com a máquina. Atualmente uma das formas de interação mais comum é: jogos interativos e de realidade virtual⁹. O jornalismo online realiza interação por meios de fóruns de discussão permitindo troca de informações entre autores e leitores frente às notícias.

A ambiguidade do termo interatividade resulta precisamente desta disparidade de tradições teóricas em que se origina e de domínios em que é utilizado.

Visto que vivemos em uma sociedade envolvida com o meio tecnológico onde o comum estar conectado e por dentro das tendências. Essas atitudes se devem a construção de vínculos entre as pessoas nas plataformas digitais. A frase: “penso, logo existo” do autor e filósofo Descartes (1637) do latim: Cogito, Ergo Sum poderia ser adaptada na contemporaneidade para: “posto, logo existo” devido a tendência dinâmica de postar, compartilhar e comentar o que vivenciamos. Diante disso nos questionamos o que leva alguém a noticiar o seu cotidiano.

Os dispositivos digitais ligados as redes sociais permite criar uma espécie de simulação da realidade que seria a forma como somos mostrados para os outros da maneira como desejamos através da construção de um perfil da utilização de uma ferramenta, a imagem pode ser construída diferente do que é a sua vivência.

Percebe-se na trama que os personagens observam toda a cena através do celular, o que remete a ideia do aparelho como um novo olho, ou terceiro olho onde não podemos olhar o mundo ou ter a opção de guardar um momento dele para nós. Na maioria das vezes sendo utilizado como instrumento de divulgação nas mídias sociais, com a intenção de conseguir visualizações, curtidas e compartilhamentos no ambiente digital.

Segundo *Serra* (2006) seguindo o movimento de procura da interatividade os próprios, mass media foram introduzindo mecanismos visando assegurar uma relação mais próxima entre os emissores e os receptores, por exemplo: as cartas dos leitores, os telefonemas de ouvintes e telespectadores, os talk-shows, a participação na construção de determinadas narrativas são alguns dos exemplos mais conhecidos de tais mecanismos. Movimento a chamar jornalismo cívico ou jornalismo público pode ser

⁹Realidade virtual: é uma simulação de um mundo real, ou apenas imaginário gerada por computador.

visto também no seu conjunto como uma tentativa a partir da interação entre o jornalista e o público.

Espetacularização como parte da sociedade

Examinando com a metodologia de Análise de Conteúdo e pesquisa bibliográfica trazendo um estudo de caso sobre o objeto de estudo White Bear (S2E2) seguindo um raciocínio dedutivo como pesquisadores sobre a teoria espetáculo estabelecidos pelo seu autor francês Debord (1967) aliando os pensamentos e suas reflexões sobre o episódio escolhido.

Segundo (DENCKER 2000) é usado em pesquisas descritivas para compreender determinados fenômenos ou situações de modo profundo e detalhado, possibilitando ao leitor sua compreensão e visualização. É muito utilizado para apresentar vivências de grupos, empresas, comunidades etc., recorrendo a instrumentos de coleta como observação, análise de documentos, entrevista e história de vida. Atualmente, tem sido prática a elaboração de estudos de casos duplos e estudos de casos múltiplos.

Dacordo com (LAKATOS E MARCONI 2012) apresenta a Análise segundo BARDIN (1997 p.45-46) dentro duas modalidades: Conteúdo e Documental.

Conteúdo: trabalha a palavra, a prática da língua realizada por emissões identificáveis. Levam em consideração as significações (conteúdo), sua forma e a distribuição desses conteúdos. Lida com mensagens (comunicação) e tem como objetivo principal sua manipulação (conteúdo e expressão).

Documental: consiste em saber esclarecer a especificidade e o campo de análise de conteúdo. Seria um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento de forma diferente. Trabalha com documentos e se faz presente, por classificações-indexação. Seu objetivo consiste na representação condensada na informação.

Análise de Conteúdo sendo a eleita para seguir desenvolvendo este artigo como também direcionada ao projeto final.

A Sociedade do Espetáculo Debord (1967), a obra que se mantém contemporânea, faz uma crítica polêmica de nossa cultura de consumo, abordando sobre a realidade não apenas sendo transmitida através de imagens que vemos, mas também

no ambiente construído em que vivemos. O espetáculo segundo Debord significa uma falsa realidade:

O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Não diz nada além de: o que aparece é bom, o que é bom aparece. A atitude que por princípio ele exige é a da aceitação passiva que, de fato, ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência. –Debord (1967) Tese 12 (p.17).

Neste sentido, compreende-se que o espetáculo é considerado como parte de toda sociedade e funciona como instrumento de unificação, não sendo classificado como abuso da sociedade, mas uma visão moderna, fazendo parte da irrealidade do corpo social.

Na vida cotidiana existe uma compreensão de que as primeiras impressões são as mais importantes. Segundo Goffman (1959) a expressividade do indivíduo e sua capacidade de dar impressão considerando como primeira a informação a respeito do indivíduo e serve para definir a situação e desenvolver expectativas projeções de si mesmo através de expressões que transmite e emite. Sendo a segunda as quais emite por uma gama de ações abordada numa linguagem teatral contextualizada no âmbito da organização social pelo qual estar inserido a partir do princípio de que o indivíduo possui certas características e cumprindo papéis sociais por meio da interação chamada por Goffman (1959) de: interação *face-face* que pode ser definida em linhas gerais como influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença imediata.

Podemos compreender o pensamento de Goffman na sua afirmação que:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêm no momento possui os atributos que apresenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que aparentam ser. Goffman (1959 p. 25).

A crença do indivíduo no papel social que está representando é a chave que explana o conceito de máscaras sociais. Começando o estudo das representações invertendo a questão e examinando a própria crença do indivíduo na impressão de realidade que tenta dar aqueles entre os quais se encontra. O executante (indivíduo) pode ser levado a dirigir a convicção do seu público (observadores) apenas como um

meio para outros fins não tendo interesse final na ideia que fazem dele ou da situação. Quando o indivíduo não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita. Goffman (1956) chama esse indivíduo de cínico.

Considerações finais

Este trabalho contribui como retorno a sociedade que é pensar responsabilidade social, ensino, pesquisa e a vida cotidiana. A série aborda temas do período contemporâneo que as pessoas assistem e que faz parte do dia a dia de cada uma, de acordo com dados de uma pesquisa realizada pelo iG Gente¹⁰, com jovens entre 18 e 24 anos, o motivo principal das séries terem tomado conta da rotina deles é o destaque do gênero, que se sobressai aos filmes e são vistos como melhores e mais viciantes, 37% deles assistem todos os dias, enquanto 28% reservam um tempo entre uma e três vezes na semana, 22% das pessoas com 23 e 24 anos acompanhem próximo de 10 títulos, enquanto 28,5% dos de 18 anos afirmam ter perdido as contas de quantas séries acompanham.

A escolha do seriado Black Mirror foi motivada pela percepção cotidiana da nossa vivência no ambiente digital, o que permitiu lembrar-se do episódio White Bear (S2E2), onde possui uma proximidade entre ficção e realidade contemporânea, quando aborda como principal tema a espetacularização.

Como exemplo, o jornalista Ricardo Boechat¹¹ que morreu na manhã do dia 11 de fevereiro de 2019, aos 66 anos em um acidente de helicóptero na rodovia Anhanguera, na Grande São Paulo, após tentar fazer um pouso de emergência, e bateu em um caminhão que estava na pista e pegou fogo. O que nos chamou atenção para a notícia, a partir da divulgação de vídeos da tragédia nas mídias sociais, foi um grupo de pessoas que estavam no local e filmavam o acidente, enquanto uma mulher tentava socorrer a vítima que estava presa dentro do caminhão.

A interação dos indivíduos na contemporaneidade que ao noticiarem suas vidas por conta da facilidade do acesso digital é um exemplo de como é relevante trabalhar este tema, visto do quanto se faz presente na sociedade.

¹⁰iG Gente: Portal de notícias, cultura, entretenimento.

Acesso: 09 de Maio de 2019

¹¹Ricardo Boechat: foi um jornalista, âncora e locutor de rádio brasileiro.

A partir do episódio percebemos elementos narrativos que fazem parte da rotina das pessoas, por isso propomos analisar algo que é do audiovisual e que é do convívio social. Em nosso projeto analisando os processos de espetacularização que ocorrem nas plataformas digitais com o advento das novas tecnologias da comunicação, a linguagem, as estratégias multimidiáticas e televisivas na comunicação social multimídia.

Referências

Elpaís. Luto no jornalismo brasileiro - Ricardo Boechat morre em acidente de helicóptero. Disponível: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/11/politica/1549900545_825737.html
Acesso: 9 de maio 2019.

SERRA, Paulo, A Internet e o Mito da Visibilidade Universal. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt>.

DEBORD, Guy, A Sociedade do Espetáculo; 1967_____, 1994, editora e tradução: e-book Brasil 2003.

GOFFMAN, Erving, A Representação Do Eu na Vida Cotidiana; 1956_____, 1975, editora: Vozes. Petrópolis 2002.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria, Fundamento da Metodologia Científica, 5.ed. São Paulo, Editora Atlas S.A 2003.

FLICK, Uwe, Introdução a Pesquisa Qualitativa, 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MAGRO, Rosely; MOREIRA, Willian Barros. BLACK MIRROR: Uma Análise das Imagens de White Bear e a Relação de Espetacularização nas Relações Sociais, In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. **Anais do 26º Encontro da Anpap**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p.916-930.

BRAGA, José, Luiz, Para Começar um Projeto de Pesquisa, Comunicação & Educação, Ano X; Nº3, Set/Dez 2005.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias; Manual de Produção de Textos Acadêmicos e Científicos, São Paulo: Atlas, 2013; Edição especial 1.ed.

Urso Branco: o culto à violência e a banalização do sofrimento.
Disponível:<https://encenasaudemental.com/cinema-tv-e-literatura/urso-branco-o-culto-a-violencia-e-a-banalizacao-do-sofrimento/>
Acesso: 06 de julho 2019. Autor: Breno Leonardo

Isso (não) é muito Black Mirror: passado, presente e futuro das tecnologias...

Disponível: https://books.google.com.br/books?id=A0efDwAAQBAJ&pg=PA60&lpg=PA60&dq=white+bear+cena+de+victoria+no+vidro+transparentes&source=bl&ots=ZCD9oafJJ5&sig=ACfU3U3cR7P_YnzH8PrMf7zEg-0GyrgNHg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwix_ezq16PjAhXnlbkGHbt0DpEQ6AEwEHoECAIQAQ#v=onepage&q=white%20bear%20cena%20de%20victoria%20no%20vidro%20transparentes&f=false
Acesso: 06 de Julho 2019. Autor: André Lemos